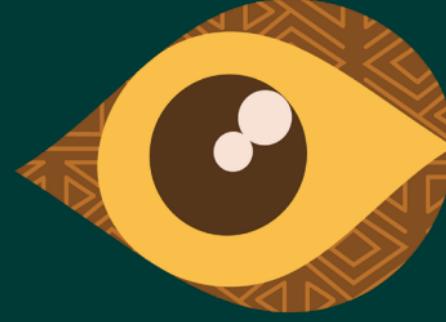




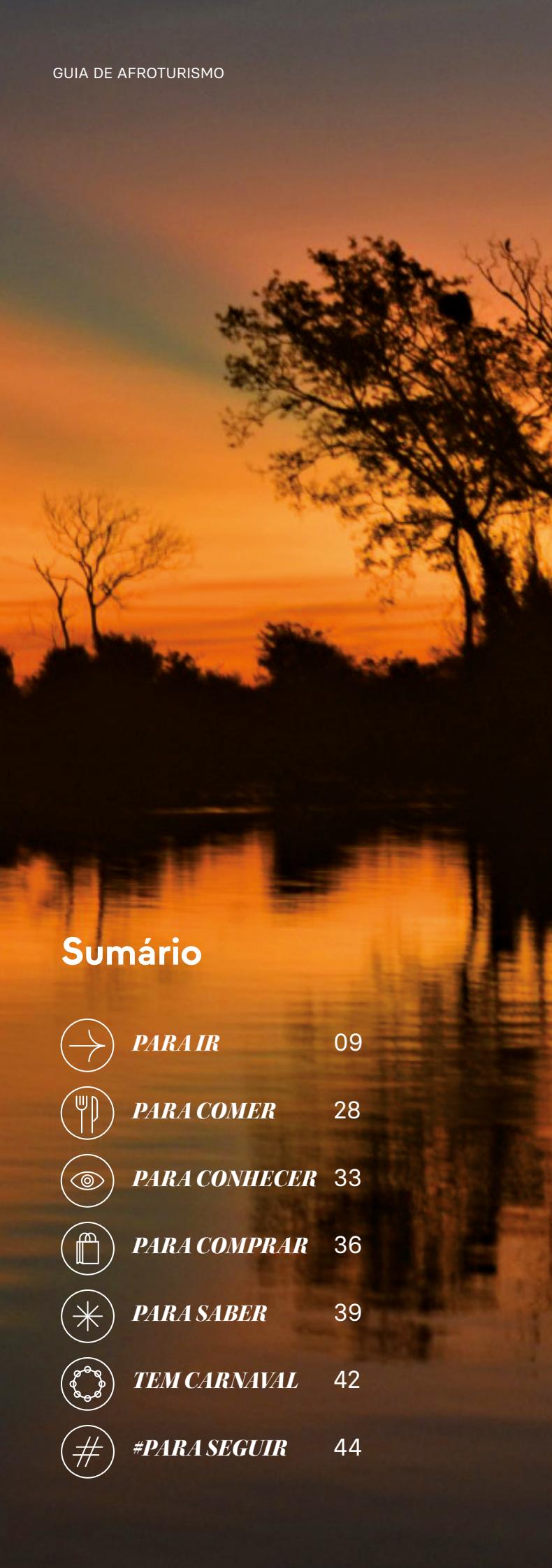
**ENCONTRE
OS MELHORES
LUGARES PARA
VISITAR, COMER
E CONHECER
A HISTÓRIA E A
CULTURA NEGRA
DO ESTADO**

**GUIA
ISTO É
MATO GROSSO DO SUL
AFROTURISMO**



**GUIA DE AFROTURISMO
ISTO É MATO GROSSO DO SUL**





Sumário

	PARAIR	09
	PARA COMER	28
	PARA CONHECER	33
	PARA COMPRAR	36
	PARA SABER	39
	TEM CARNAVAL	42
	#PARA SEGUIR	44

[CARTA AO LEITOR]

ISTO É AFROTURISMO

O Mato Grosso do Sul é um estado formado por várias culturas e identidades. A sua constituição, a partir de 1977, traz a migração de pessoas de vários estados e também de outros países, entre elas do continente africano e da América Central. Ao todo, 53% dos 2,7 milhões da população total do Estado é negra, segundo o Censo do IBGE de 2022.

Mas a história da população negra nessa região é muito anterior à divisão que originou o MS e vem dos idos da Guerra do Paraguai (1864-1870), quando algumas famílias não permitiram que seus filhos fossem lutar no conflito e, no lugar, mandaram os escravizados. Havia ainda aqueles que foram para a guerra por iniciativa própria com a promessa de conquista da liberdade. A tropa de frente do Brasil era formada por pessoas negras. Muitos morreram, outros voltaram a trabalhar como escravizados em outros estados, mas alguns ficaram por aqui.

O sul do então estado do Mato Grosso tinha sua população indígena, muitas terras e pouca ocupação dos colonizadores portugueses, o que possibilitou liberdade e terra para algumas pessoas negras libertas.

Em 1888, com a Lei Áurea, o povo negro conquistou a liberdade no papel, mas precisou buscar moradia, terras e condições dignas de vida. Uma abolição inacabada até hoje.

"Aqui era um local de aquilombamento, que representava um novo modo de vida, não apenas de resistência, mas de novas possibilidades, em que essas pessoas negras podiam recriar seus espaços, cultura, seu saber e sua fé", afirma Vânia Dutarte, a subsecretaria de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial do Mato Grosso do Sul, que também é historiadora.

Esse aquilombamento está no nome dos lugares. O termo "furnas" significa caverna ou cova e se refere a uma cavidade no terreno, sendo, em geral, um local de difícil acesso. Não por acaso, o MS tem três comunidades negras com o termo: Furnas da Boa Sorte, Furnas do Dionísio e Furnas dos Baianos, locais que possibilitaram o refúgio dos nossos.

Hoje, essa negritude se expressa também no Carnaval de Corumbá e Campo Grande, em suas escolas de samba, nas 22 comunidades quilombolas espalhadas pelo estado, nas feiras afros, no artesanato, nos sambas, nas festas de diferentes santos católicos, muitas vezes sincretizados com orixás, nas religiões de matriz africana e em diversas outras manifestações culturais.

A Casa de Cultura de Campo Grande (antigo Sesc Cultura, na Av. Afonso Pena, 2270), por exemplo, tem vendido artesanatos de diferentes afroempreendedores, além da Feira Afro, que é itinerante e ocorre nos meses de março, maio, julho, setembro e novembro.

Afroturismo

O Mato Grosso do Sul tem grande potencial de desenvolver o afroturismo, que promove a valorização da cultura e história negra, e que se tornou um movimento nacional e um dos segmentos de maior aposta da Embratur internacionalmente, como lembra o presidente da Fundação de Turismo de MS, Bruno Wendling.

"Há territórios no nosso estado que têm uma história fantástica e uma cultura rica. A organização desses roteiros vêm aumentando e estamos prontos para desenvolver esses produtos", afirma. Ele ressalta a importância da consultoria do *Guia Negro* como uma das estratégias do MS para se posicionar nesse mercado.

O Sebrae MS, que apoia esse guia, valoriza os pequenos negócios e iniciativas de afroturis-



FURNAS DO DIONÍSIO E DA LUIZA

mo. "Buscamos abrir novas oportunidades para empreendedores e comunidades locais, além de colocar os quilombos, por exemplo, no protagonismo da gestão de experiências turísticas, garantindo autenticidade e sustentabilidade", afirma Sandra Amarilha, diretora técnica do Sebrae MS, que destaca o potencial de cidades como Corumbá, Campo Grande e Nioaque.

Mas esses passos vêm de longe e são trilhados também por organizações sociais, lembra Ana José Alves, presidente e cofundadora da Coletiva de Mulheres Negras Raimunda Luzia de Brito, que existe há 30 anos. Ela cita o Instituto da Mulher Negra do Pantanal, em Corumbá, o Conselho Municipal dos Direitos Negros em Três Lagoas, além do Grupo de Estudos e Trabalho Zumbi (TEZ), fundado em 1985 e que é pioneiro do movimento negro e combate à desigualdade social no estado.

O coletivo presidido por Ana José foi fundado por Raimunda Luzia de Brito, que passou a denominar o movimento. Raimunda é assistente social, advogada e ativista, atuou como coordenadora de Políticas para Promoção da Igualdade Racial (CPPIR-MS) entre os anos de 2007 e 2015,



**ANDOR DA FESTA DE
SÃO JOÃO EM CORUMBÁ**

além de ser professora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) por 29 anos.

"Ela nasceu em Piraputanga, às margens da linha do trem, se formou em Goiás e passou pelo período da ditadura, em situações que teve que ficar escondida. Uma mulher negra à frente do seu tempo, formou muitas profissionais numa linha baseada no conhecimento e experiência. É referência no Estado", conta Ana José.

Gastronomia e festas

Entre as festejos da cultura negra em MS, destaque para a Festa de Reis, em Águas de Miranda, distrito de Bonito, e na comunidade quilombola Picadinho, em Dourados, em janeiro; a Festa de São Benedito, na comunidade Tia Eva, em Campo Grande, em maio; a Festa do Divino no Quilombo de Figueirão, em maio; a Festa de São João, em Corumbá; a Festa de Santo Antônio, em junho, e o festival da Rapadura, em agosto, nas Furnas do Dionísio, em Jaraguari.

O acarajé, especialidade gastronômica afro-brasileira, tem destaque na capital nas feiras Afro, Borogodó, Ziriguidum, da Orla Morena e no Parque das Nações, com a presença de Zezé do Acarajé. Leni Silva, que por anos vendeu acarajé na Feira Central de Campo Grande, se aposentou.



QUILOMBO SÃO JOÃO BATISTA

Quilombos

Quilombos não são apenas comunidades rurais e isoladas, há outros espaços onde o aquilombamento acontece também dentro das cidades, como os tabuleiros das baianas de acarajé; saílões de cabelo afro que fazem tranças; os artesanatos; a Praça do Preto Velho, em Campo Grande, que faz referência aos povos de axé; a Festa de São João, em Corumbá, que tem o sincrétismo com Xangô; os grafites; as feiras afros e tantas outras possibilidades reais de trazer pessoas negras e não-negras para conhecer mais da pluralidade étnico-racial do estado.

Os quilombos, aliás, têm um viver coletivo, que buscam que seja preservado. "O turismo também é a possibilidade de passar essa forma de vivência para outras pessoas, agregando novos aliados, que se achegam", afirma Vânia Duarte.

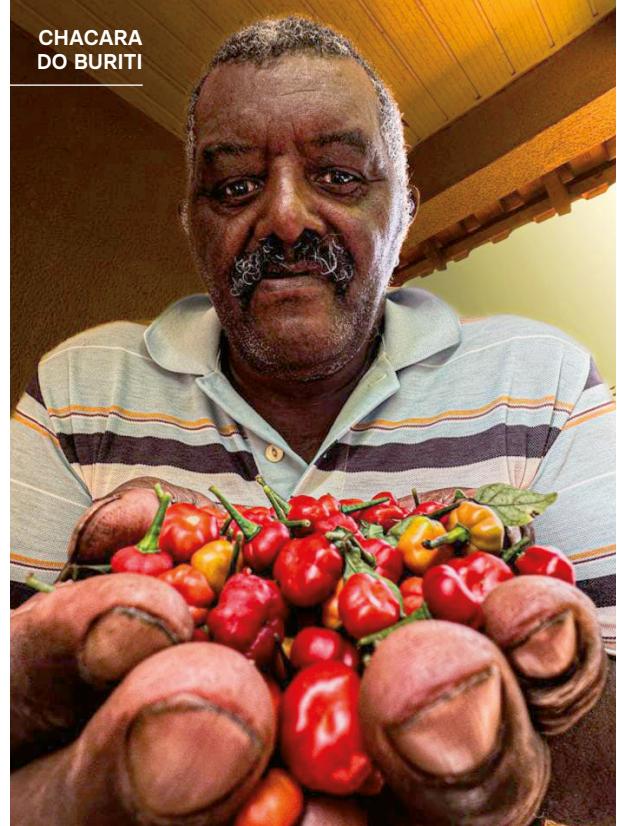
Essa forma de receber, acolher e contar histórias, produzindo uma experiência única, sempre foi feita pelos moradores dessas comunidades, sem o nome de turismo ou mesmo de afroturismo. Hoje, se entende como uma possibilidade real de desenvolvimento, de mostrar as vivências, gerar renda a partir da própria casa e terra, ofertar essa riqueza que é de todo o povo sul-mato-grossense e brasileiro e preservar o que é da ancestralidade africana, em territórios que são sagrados e coletivos.

Viva o afroturismo! **Guilherme Soares Dias**



QUILOMBOS DE MS

- 1 Aquidauana, **Furnas dos Baianos** 2 Bonito, Águas de Miranda 3 Campo Grande, **Tia Eva**
- 4 Campo Grande, **Chácara Buriti** 5 Campo Grande, **São João Batista** 6 Corguinho, **Furnas da Boa Sorte** 7 Corumbá, **Família Maria Theodoro**
- 8 Corumbá, **Família Osório** 9 Dourados, **Picadinha** 10 Figueirão, **Família Malaquias** 11 Jaraguari, **Furnas do Dionísio** 12 Maracaju, **São Miguel** 13 Nioaque, **Família Cardoso, Família Bulhões, Família Araújo e Ribeiro e Família Romano Martins da Conceição**



[PARA IR]

Resistência e fé ajudaram a formar comunidades em MS

Vinte e duas comunidades quilombolas em Mato Grosso do Sul são certificadas pela FCP (Fundação Cultural Palmares), mecanismo que respeita o direito à autodefinição e facilita o acesso às políticas públicas voltadas para a população negra.

O maior território, com 3.928 hectares, é o da comunidade Dezidério Felipe de Oliveira/Picadinha, em Dourados, que carrega passado e presente de luta e resistência.

Dezidério nasceu em Uberaba (MG), sendo escravizado até os 21 anos. Pelos registros históricos consta que, em 1898, foi contratado para trabalhar em comitiva com destino a Vista Alegre, atual região de Maracaju, se desentendeu com o chefe da comitiva e ficou pelas bandas do então Mato Grosso uno. Conheceu Maria Cândida Baptista Silva, filha de ex-escravizada com indígena terena.



SÃO JOÃO BATISTA

Tiveram filhos e estabeleceram-se na região do distrito de Picadinho, distante 18 quilômetros de Dourados. Dezidério e sua família ajudaram a construir a cidade e ele ainda lutou nas rebeliões de 1924 e 1932, ao lado do governo republicano.

Apesar de ser reconhecido e respeitado, teve imensa dificuldade de regularizar a posse das terras, o que foi iniciado em 1920 e perdurou até sua morte, em 1935. Depois disso, os descendentes perderem parte das terras em inventário irregular. A titulação de 3.928 hectares somente foi reconhecida em 2005 pela Fundação Palmares, mas a comunidade continua hostilizada e ameaçada, sendo símbolo de resistência. De fortes tradições, sobrevivendo da agricultura familiar, mantém as festas católicas de Santos Reis e São Sebastião, unidas a partir de 1950.

A religiosidade também marca a história da Comunidade Rural Quilombola de Santa Terezinha/Família Malaquias, localizada na zona rural de Figueirão. Tem origem na família de Joaquim Malaquias da Silva, que ocupou as terras do então município de Camapuã, por volta de 1901. Em 1981, a comunidade foi escolhida para ser o local definitivo da Grandiosa Festa em louvor ao Divino Espírito Santo, que antes era realizada nas

DEZIDÉRIO

@ciasaosebastiaopicadinho



fazendas da região. O reconhecimento pela Fundação Palmares veio em julho de 2005. Na região, vivem cerca de 60 famílias, com atividade principal na pecuária leiteira.

Na Comunidade Negra São João Batista, em Campo Grande, foi a fé de Maria Rosa da Anunciação que trilhou o caminho da família. A promessa pela vida do filho, feita em 1922, se tornou legado religioso, na Festa dos Trindade, comemorada em junho. A celebração abriu espaço para trabalho social, desenvolvido pela associação familiar, que criou o premiado Projeto Social Curumim Pé de Ouro. Lá, são oferecidas oficinas periódicas para crianças e adolescentes da região do Bairro Pioneiros, como dança afro, cidadania, desenho, percussão, artesanato e violão.

Ainda em Campo Grande, a comunidade Chácara do Buriti fez da produção agrícola sua sobrevivência e resistência. Localizada a 40 quilômetros da cidade, indo pela BR-163, a área de 43 hectares foi o lar escolhido por ex-escravizados, que chegaram a MS na mesma viagem de Eva Maria de Jesus, a Tia Eva, mas acabaram mudando de território, em 1920, por conta do aumento populacional na comunidade São Benedito.

Em Nioaque, descendentes de ex-escravizados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, formam as comunidades quilombolas localizadas na área rural: Família Cardoso, Família Bulhões, Família Araújo e Ribeiro e Família Romano Martins da Conceição. Segundo dados do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), juntas, representam 222 famílias, a maioria, vivendo da produção agrícola e criação de animais.



[PARA IR]

Com as bênçãos de Tia Eva

Um quilombo no meio da capital preserva histórias, tradições e olha para o futuro. Nessas terras chegou Eva Maria de Jesus, nascida escravizada, em Mineiros (GO), que conquistou a alforria com cerca de 50 anos e migrou para o estado. À margens do córrego Segredo, na época conhecido como Olho D'Água, fez moradia ao lado do companheiro Adão e de outros libertos, adquirindo as terras onde está a comunidade.

Há relatos que dizem que quando José Antônio Pereira, o mineiro que teria fundado Campo Grande em 1899, chegou na região, Eva Maria já estava por aqui. A oralidade que sustenta as histórias com protagonismo negro é a única prova, uma vez que não há documentos, assim como acontece com muitos outros de nossos ancestrais.

O que sabemos é que Tia Eva foi curandeira, cozinheira, lavadeira, parteira e benzedeira. Devota de São Benedito, chegou com a imagem do santo e, após promessa para curar uma ferida, construiu uma igreja (a segunda mais antiga da cidade) e instituiu anualmente uma festa em homenagem ao padroeiro da comunidade, que é realizada todo mês de maio pelos seus descendentes. "Ainda realizamos do jeito que Tia Eva fazia. Pedimos doações, há terço e missa, somando nove dias e terminando com um almoço que é distribuído para as pessoas", afirma o aposentado Sérgio Antônio da Silva, bisneto da matriarca da comunidade, mais conhecido como Seu Michel.

Hoje, a rua Eva Maria de Jesus, que corta a comunidade, já foi eleita pelo *Guia Negro* uma das mais pretas e lindas do Brasil e tem projeto de se transformar num corredor gastronômico e cultural. A via abriga o centro comunitário, a Capela de São Benedito, além de bares, escola estadual, creche e salões de trancistas. Há ainda venda de farinha e rapadura. Tia Eva também ganhou um grafite na Rua 14 de Julho, entre a Barão do Rio Branco e Afonso Pena, e que está, de forma simbólica, abençoando Campo Grande.



COMUNIDADE TIA EVA

Fica na Rua Eva Maria de Jesus, 270, no Jardim Seminário, Campo Grande.
[@comunidadeequilombolatiaeava](https://www.instagram.com/comunidadeequilombolatiaeava)



[PARA IR]

Furnas do Dionísio e da Luiza

Ao conquistar a liberdade Dionisio Antonio Vieira e Luiza Joana de Jesus saíram de Salinas (MG) e chegaram à região de Jaraguari (MS) por volta de 1890. O casal viu ali naquelas “furnas” um bom lugar para viver com os nove filhos. Foram compadres de Tia Eva e houve casamento entre filhos de ambos, fazendo a ligação aumentar.

As terras que hoje fazem parte da comunidade quilombola de Furnas de Dionísio foram compradas pelo patriarca. As datas de nascimento e de morte de ambos são imprecisas. Os descendentes tentam hoje construir uma casa de memória, no local que abrigou a primeira casa dos formadores da comunidade, além de uma cozinha caipira para ter maior capacidade de receber os turistas.

Vera Lucia Rodrigues dos Santos, coordenadora do grupo de turismo da Associação dos Descendentes, faz parte da quarta geração e conta que a Festa do Santo Antônio ocorre des-

COMO CHEGAR

Acesso pela MS-010 (saída da UCDB em direção a Rochedinho) são 40 quilômetros (estrada asfaltada). [@quilombo.turismofurnas](http://quilombo.turismofurnas)



de que os filhos de Dionísio e Luiza ainda eram vivos. “Quando Dionísio morreu, os vizinhos tentaram tomar as terras dizendo que não havia o pagamento das mesmas. Os descendentes fizeram uma roça para pagar a dívida e a produção estava quase morrendo, quando fizeram promessa que se desse certo a roça iam fazer igreja e festa para Santo Antônio”. Nos meses de junho de todos os anos há terço e a celebração.

O curso de monitor de turismo da UEMS foi importante no incremento do turismo da comunidade de 450 pessoas, que hoje percebe a transformação. Tudo começou com Osvair Barbosa, um dos moradores que realiza trilhas e conta as histórias do quilombo há mais de uma década. “Não queremos turismo agressivo, deixando lixo e, sim, algo que respeite nossa história. É importante para os jovens, entenderem que há possibilidade de continuar aqui”, diz Vera Lucia.

Hoje, há o Restaurante Sabores do Quilombo (sede da associação), além da pizzaria de massa caseira, que entre os sabores tem um bem peculiar da região, que é o de rapadura. Há ainda os Restaurante Dona Ceci, Rancho do Ronilton e o bar da cachoeira. Os produtos de artesanato são vendidos na loja da associação.

A cachoeira, chamada de passagem do engenho, segue sendo o principal atrativo, com acesso pago. A comunidade tem ainda agroindústria produzindo melão de cana-de-açúcar, farinha e rapadura (que tem festival em agosto). Há também possibilidades de hospedagem em camping e casas da comunidade. Os visitantes podem realizar passeio histórico-cultural, roda de conversa com guardiões, além de assistir apresentações de dança do engenho novo.



[PARA IR]

Furnas da Boa Sorte: ecoturismo e história negra

João Bonifácio, José Matias Ribeiro e João Bonifácio Catarino chegaram à região de Corguinho por volta de 1861 vindos de Minas Gerais, acompanhados de outras pessoas negras que fugiam da escravização. Há relatos de participação na Guerra do Paraguai e de ligação com os fundadores das comunidades Tia Eva e Furnas do Dionísio.

O nome de Furnas da Boa Sorte foi dado pelo difícil acesso via estrada e ao grande número de morros da Serra de Maracaju. "Vai até lá, boa sorte". O paredão do Morro de São Sebastião foi proteção para os negros que ali viveram nos tempos da escravização. Hoje, a estrada que leva à comunidade é bem mais acessível. Os quilombolas vendem marmitas e hospedam os visitan-

MORROS DA SERRA DE MARACAJU

MS-080 com destino a Corguinho, são 115 quilômetros.
@furnasdaboa sortems

tes e pesquisadores, além de vender produtos como ovos, farinha e rapadura. O artesanato fica por conta da arte em telha e as peneiras, que eram usadas para a separação de arroz e hoje são feitas como elemento decorativo.

Há projetos de realização de trilhas com os turistas pelo cerrado e de criar novos espaços de hospedagem na região. Elaine Matheus Teodoro, presidente da Associação de Descendentes Bonifácio Lino Maria, dá aula na escola da comunidade, e conta que hoje há trabalhos com sementes de cerrado e venda para reflorestamento de jatobá, jacarandá, timbó, baru. "Nas trilhas é possível conhecer espécies de plantas, observação de aves além da morraria e do horizonte, um contato com a natureza e nossa cultura", resume.





[PARA IR]

Águas de Miranda: pesca, banho e festa

Pescar no Rio Miranda, comer peixe frito e conhecer histórias da comunidade quilombola que se formou em Bonito, conhecida por ser a capital do ecoturismo, mas que também abriga história e cultura negra no distrito Águas de Miranda. A família Modesto guarda a tradição de realizar a Festa de Reis, em janeiro, além de ter pescadores e guias que conduzem turistas em seus passeios.

Tataraneto de escravizados, o aposentado Maurílio Modesto da Silva, 86 anos, veio de Malhada de Pedra (BA) por volta de 1966 quando construiu o primeiro barraco à beira do Rio Miranda, que viria a ser o distrito. Ele é casado com Deolinda Ferreira da Silva, 84 anos, que é indígena, e com quem teve 2 filhos e 16 netos. Todo mundo que chega na casa deles pede bênção.

A comunidade vive da pesca, sendo mais comum pintado, piraputanga, curimba e pacu. Os turistas fazem passeio de barco, com o intuito de pescar e comem peixe frito, além de sashimi. De novembro a março, quando a pesca é proibida para a reprodução dos peixes, há passeios

ÁGUAS DE MIRANDA

Seguir pela MS-345, a Estrada do 21, que vai de Anastácio a Bonito. São 322 quilômetros a partir de Campo Grande. 67 99289 5131 – Kely



de barco pelos rios. No Rio Nioaque há opção de navegar de caiaque, além de boia cross no Rio Miranda. Já a observação de pássaros e animais como jacaré, capivara e até onça são frequentes.

A Festa de Reis é uma tradição que passa de geração em geração. "Meu pai deixou para mim e tenho passado para meus filhos. A bandeira de reis circula as casas do distrito, recebemos doações e oferecemos churrasco", conta Maurílio, lembrando que há barracas que vendem bebidas, além de baile. Todo ano são eleitos rainhas e princesas. As cantigas de reis são puxadas pelo mestre festeiro Maurílio e as bandeiras vão ganhando fitas e flores dos devotos.

Na gastronomia, há o Cantinho da Vila, dentro do Pesqueiro Arizona, que pertence a Kely Aparecida da Silva, neta de Maurílio. Entre os produtos vendidos, estão a cabaça e peças feitas em madeira, além de instrumentos como bumbo. O bate-papo com os visitantes é organizado na varanda e a casa tem um pé de jamelão na entrada. Aconchego e afeto típicos do afroturismo.



[PARA IR]

Furnas dos Baianos: beleza dos morros e tranquilidade

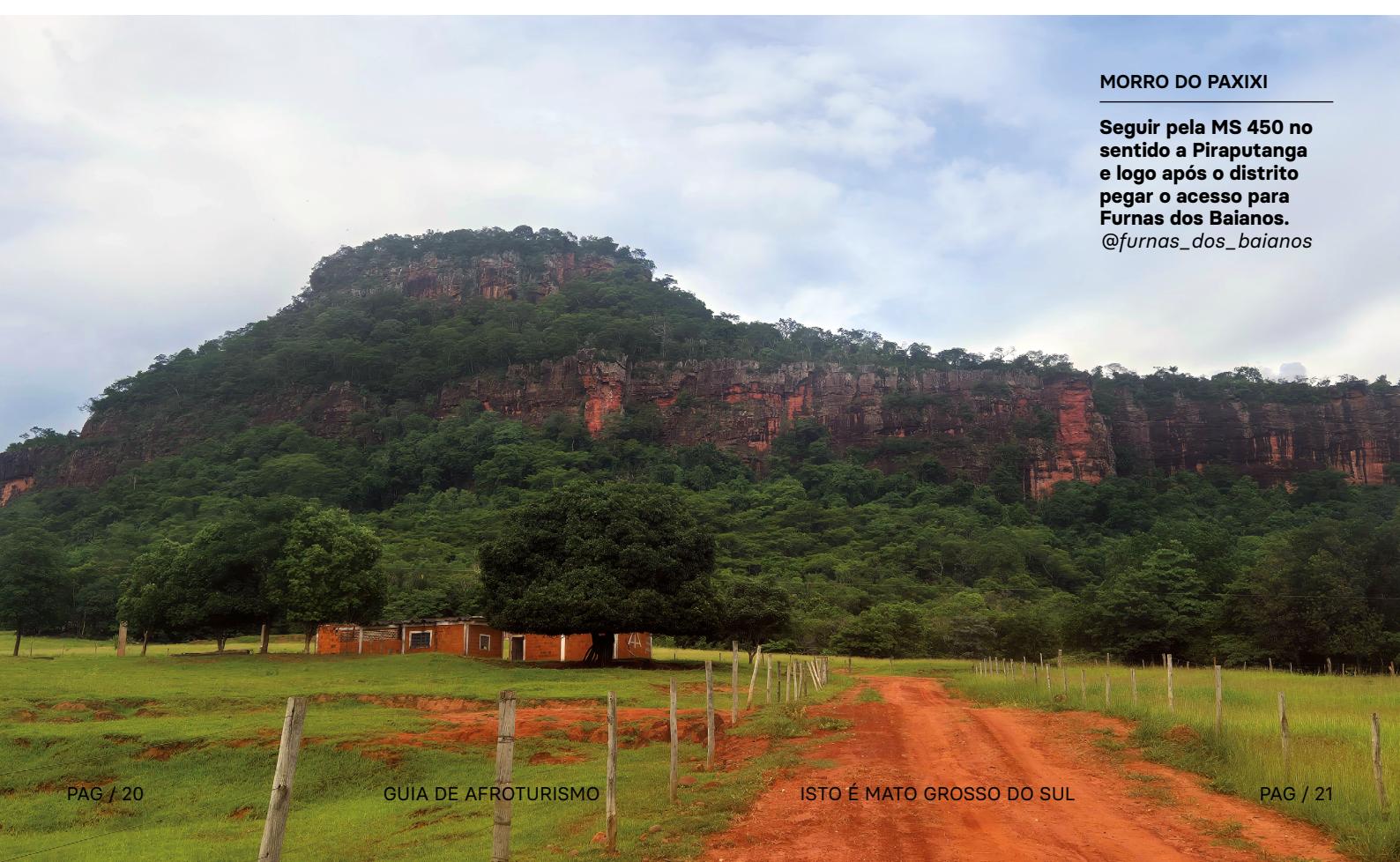
Um morro imponente, cheio de pedras antigas forma um paredão que protege e abriga Furnas dos Baianos. Foi aqui que chegaram Francisco Correia e pelo menos outras 50 pessoas vindas de Tamiramatá, na Bahia, em 1952. A beleza do local impressiona e algumas das pedras se desprendem do morro e compõem o cenário da parte baixa, como instalações artísticas. Estudos apontam que a região abriga um sítio arqueológico.

Para os turistas, há a opção de se refrescar no córrego das antas, tanque para pescar, além de alugar casas e dormir na região. O morro do Paxixi que cerca a comunidade e faz parte da Serra de Maracaju, pode ser acessado numa caminhada de 15 minutos e possibilita uma vista 360 graus. No alto, há um mirante e também passeios de rapel. O Bar das Furnas é ponto de encontro de moradores e dos visitantes, a maior

parte de Campo Grande que aproveita os feriados para visitar o local. Por aqui, a feijoada ainda é servida em ocasiões especiais.

A Associação da Comunidade Negra Rural Quilombola Furnas dos Baianos expõe os produtos do quilombo na Feira da Lua, que ocorre no segundo sábado do mês no Distrito de Piraputanga. Além da cestaria, há o babaçu que é típico da região. A comunidade já contou com Festa de Reis, mas algumas tradições se perderam com a morte dos mais velhos e mudança dos mais novos para outras localidades em busca de melhores oportunidades. Hoje o Arraial dos Baianos, realizado desde 2013, marca o segundo sábado do mês de julho.

O reconhecimento do local como área quilombola ocorreu após estudos antropológicos na década de 1990. Ao todo, são cerca de 35 propriedades (sítios), sendo que 10 ainda pertencem a 28 famílias quilombolas. Muitos seguem trabalhando com roça, como os antepassados. A beleza do mato, do céu, os cheiros, como da manga se decompondo no fim da tarde, compõem um cenário de tranquilidade que só é quebrado pelas araras azul e amarela que também fazem morada por aqui. Vale a visita!



MORRO DO PAXIXI

Seguir pela MS 450 no sentido a Piraputanga e logo após o distrito pegar o acesso para Furnas dos Baianos.
@furnas_dos_baianos



[PARA IR]

Comunidade São Miguel, o legado de um casal visionário

Reza a lenda que uma estátua de ouro está enterrada em algum lugar do território da Comunidade São Miguel, em Maracaju. A peça fazia parte da festa religiosa organizada por um dos moradores locais. Para evitar que fosse levada por saqueadores, era escondida até que chegasse a hora da comemoração. Mas o festeiro morreu e, até hoje, ninguém soube onde ela está.

Essa é uma das histórias contadas a quem quiser conhecer São Miguel, território quilombola reconhecido pela Fundação Palmares em 2003, mas que começou a se formar em 1919 com a chegada do casal Francisca Romana e Pedro da Cruz Santos. Libertos da escravidão, saíram de Minas Gerais e, com eles, trouxeram a filha Joaquina, então com 6 anos.

Aos 15 anos, grávida do filho de fazendeiro, Joaquina teve casamento arranjado com



COMO CHEGAR

A partir de Campo Grande, ir pela BR-060, com destino a Maracaju e, depois acessar a MS-166, em trajeto cercado por plantações de soja. Os últimos 17 km são em estrada sem asfalto, acessível mesmo em dias de chuva e que oferece vista privilegiada do Cerrado.
55 67 9835-6584 - Jorge Henrique, coordenador da Comunidade São Miguel



Lourenço Gonçalves, então com 30 anos, com quem teve mais 10 filhos. Ele comprou terras do patrão em 1942 e, em 1985, já viúva, Joaquina dividiu a área de 105 hectares entre os filhos, sob condição que jamais fosse vendida. Morreu em 2005, aos 120 anos.

A comunidade cresceu, hoje, com 67 famílias em 460 hectares, vivendo da agricultura familiar, com venda de hortaliças, frutas e verduras, atendendo escolas e programas de assistência social. Também tem macarrão artesanal, rapadura, doce de leite e pamonha. São Miguel está começando a desenvolver o afroturismo, com duas trilhas: ecológica, com passeio pelas cachoeiras e desfrutando da hospitalidade dos moradores, que também oferecem artesanato para venda; e a gastronômica, em que o turista colhe folhas ou leguminosas que for comprar.



[PARA IR]

Família Maria Theodoro: fé e resistência em Corumbá

A Comunidade Quilombola Maria Theodora Gonçalves de Paula é um símbolo da história negra no Pantanal. Criada por descendentes de Maria Theodora, que era ex-escravizada, e seu esposo Mariano, que chegaram a Corumbá na década de 1920 vindos de Cuiabá, a comunidade fica no bairro Nossa Senhora de Fátima e abriga cerca de 15 famílias, preservando tradições culturais e religiosas, sendo um importante ponto de turismo religioso.

Entre suas figuras históricas, destaca-se Cacilda Astrogilda Gonçalves Barbosa de Paula, que era filha de Maria Theodora e conhecida como Mãe Cacilda, líder espiritual que, nos anos 1960, fundou a Tenda Nossa Senhora da Conceição, um dos mais de 300 terreiros de Corumbá. Sua fé e os milagres atribuídos a Pai João de Minas, entidade com a qual D. Cacilda trabalhava, atraíram multidões. Relatos jornalísticos mencionam curas inexplicáveis, como um menino paralítico que voltou a andar após uma bênção. A tenda tornou-se um centro espiritual, recebendo centenas de fiéis diariamente.

COMO CHEGAR:

Rua Luís Feitosa Rodrigues,
34, bairro Nossa Senhora
de Fátima, Corumbá.
67 9903-2722 Dona Cotó.
@belaoypantanal

Reconhecida como quilombo em 2011 pela Fundação Palmares, a comunidade mantém suas tradições. A visita guiada acontece na Tenda Nossa Senhora da Conceição, onde Natalícia Barbosa, conhecida como Dona Cotó, filha de Mãe Cacilda, recebe os visitantes. Como líder religiosa, ela conduz rodas de conversa e atendimento espiritual a todos que buscam consolo.

A tenda de alvenaria é ampla, de chão batido, com várias imagens de santos, velas ao fundo e cheiro de incenso. O espaço abriga rodas de conversa, além de preparo de banhos e água de cheiro. Os visitantes também podem experimentar a comida de Preto Velho: bolo de fubá, milho, canjica e café preto.

Na mesma quadra, ainda há outro terreiro, a Tenda Nossa Senhora da Guia, ou Casa de Joãozinho, comandado por João Gonçalves de Paula, sobrinho neto de Mãe Calcida. Vivenciar essa comunidade é mergulhar em um patrimônio de resistência, espiritualidade e história afro-brasileira no coração do Pantanal. Essa experiência pode ser vivida pela agência Bela Oyá Pantanal.





[PARA IR]

Família Ozório: história e cultura nas águas do Pantanal

Às margens do Rio Paraguai, em Corumbá, a Comunidade Quilombola e Ribeirinha Família Ozório oferece imersão na história e na cultura do Pantanal. Fundada por Miguel Ozório, descendente de africanos escravizados que se refugiaram na região, a comunidade preserva com orgulho suas tradições, que incluem a pesca artesanal, a agricultura de subsistência e a espiritualidade única, mesclando crenças africanas e catolicismo popular.

A visita à Família Ozório é uma viagem ao coração de um modo de vida marcado pela resistência e pela coletividade. A horta comunitária, cultivada à beira do rio, é um exemplo de como a sustentabilidade é vivenciada no dia a dia. O ciclo das águas do Pantanal impõe desafios ao cultivo, mas também ensina lições sobre respeito à natureza. Os visitantes podem participar de atividades, como aprender sobre o cultivo sustentável e saborear pratos típicos feitos com produtos da horta e peixes capturados no rio servidos no sombreiro das árvores junto com uma boa prosa.

COMO CHEGAR:

Alameda Vulcano, centro de Corumbá.
679930-9440 Laycillia Ozório, presidente da Aquirrio.
@belaoyapantanal



O passeio de barco, conduzido por piloteiros da comunidade, é um dos atrativos. Já, entre as festas religiosas que movimentam a comunidade estão São João, Santo Antônio, Cosme e Damião e Nossa Senhora Aparecida.

A Aquirrio (Associação da Comunidade Quilombola Família Ozório) compartilha histórias e memórias, mantendo viva a chama da luta por direitos territoriais. O resgate da comunidade começou após a descoberta de que Miguél Ozório e Ercília Rodrigues Ozório, fundadores da região e vindos de Minas Gerais, eram descendentes de quilombolas. O casal teve 15 filhos e Miguél teve mais 6 filhos com Marciliana Floriana da Silva, totalizando 22 novas famílias que perpetuam o sangue e a cultura deste povo.

Visite a Família Ozório e descubra um Pantanal além do óbvio, onde história, cultura e natureza se entrelaçam de maneira única e inesquecível. Essa experiência pode ser vivida com a agência Bela Oyá Pantanal, que opera os circuitos junto às comunidades em Corumbá.



[PARA COMER]

Do acarajé às delícias pantaneiras, o sabor da culinária afro em MS

O sabor da culinária afro está em diversos pratos de MS, que reúne inspirações no pantaneiro, no nordeste do País e no melhor da produção dos quilombolas. Em Campo Grande, a referência é a Zezé do Acarajé. Douradense de nascença, mas baiana na essência, Zezé buscou em Salvador a inspiração para seu trabalho que marca presença em feiras de Campo Grande.

Inicialmente, vendia frapê de coco, mas, na época do inverno, sem muita demanda, resolveu investir no acarajé. Zezé partiu para Bahia, onde conheceu a Abam (Associação Nacional das Baianas de Acarajé, Mingau, Receptivo e Similares), tornando-se a representante em MS. Desde



FEIRAS

Orla Morena - 5ºfeira

Feira Ziriguidum - 1º sábado de cada mês

Feira Borogodó - 1º domingo de cada mês

Feira Bosque da Paz - 3º domingo de cada mês



ZEZÉ DO ACARAJÉ

@zeze do acaraje / 67 99290-5271



CUSCUZ MANDACARU

@cuscu zmandacarucg / 67 99211-0880

2018, comprou trailer e trabalha em feiras locais. No cardápio, o clássico com camarão, vatapá e salada. Servido com sorriso que só ela tem.

Ainda em Campo Grande, a mistura de baiano e um sul-mato-grossense fez surgir o Cuscu Mandacuru. O prato originário do norte da África ganhou tempero arretado, herança que Matheus Sobrinho compartilhou com o amigo, Dirlei Oliveira. Juntos, se aventuraram na culinária, também trabalhando em feiras da cidade. Diversificam a produção com opções veganas e vegetarianas.

Em Ladário, a Associação de Mulheres Produtoras da APA (Área de Preservação Ambiental) Baía Negra usa as belezas naturais do Pantanal



para apresentar seu trabalho ligado ao turismo e às raízes pantaneiras.

Na comunidade ribeirinha, as mulheres assumiram o protagonismo da empreitada, oferecendo trilhas, passeios de barco, observação de pássaros, além de refeições com pratos típicos.

Nas comunidades quilombolas, a comida caipira é chamariz para conhecer a gastronomia e as belezas locais. Em Furnas do Dionísio, em Jaraguari, o que não falta é opção, entre elas, o Restaurante Sabores do Quilombo, Rancho do Vô Nido e Recanto da Ceci. O almoço é self service e serve frango caipira, costela no tacho, queijo, quiabo e guariroba (típica do cerrado) a maioria sendo produtos de cultivo local.

O Cantinho da Vila é o representante da Comunidade Águas do Miranda, em Bonito. A proprietária está a postos de domingo a domingo, no Pesqueiro Arizona, com café da manhã, almoço e jantar, com cardápio que vai da moqueca, passando pelo puchero, carne com maxixe e sushi de peixes regionais.

Em Coxim, às margens do Rio Taquari, a Cabana do Osmar é passeio completo: além do restaurante com culinária pantaneira, o espaço oferece estadia, pescaria e passeios pelo rio, com duração de 30 a 40 minutos ou de 2h a 3h. O local existe há 25 anos, fruto do trabalho da goiana Lindalva e de Osmar, nascido em terras sul-mato-grossenses e de família ribeirinha conhecida na região.

CABANA DO OSMAR

**Avenida Cel. Pedro Severo, 276,
Vila Santa Clara,**

Coxim Restaurante: 8h às 19h de segunda a sexta-feira, serviço a la carte sábados, domingos e feriados – buffet (67) 99607-6890 / @cabana2060 / facebook.com/cabana.osmar/



CANTINHO DA VILA

Pesqueiro Arizona Distrito Águas do Miranda, em Bonito. @kasapdasilva / (67) 99289-5131

Domingo a domingo: **Café da manhã** - 5h30 até 8h
Almoço - 11h até 14h/ Jantar – ao gosto do freguês



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES PRODUTORAS APA BAÍA NEGRA

Ladário

@apabaianegra / facebook.com/apabaianegra/ apabaianegra@gmail.com



COMUNIDADE FURNAS DO DIONÍSIO

Jaraguari

Restaurante Sabores do Quilombo Segunda, Sexta, Sábado, Domingo e Feriados: 8h às 17h30/ @quilombo.turismofurnas / (67) 99316-7313

Rancho do Vô Nido Domingos – almoço servido às 12h / (67) 99100-7589 / @ rancho_do_vo_nido/

Recanto Dona Ceci Sábados, domingos e feriados – 12h @trilhas_recanto_da_ceci_furna / (67) 99976-7087



MEMORIAL DO HOMEM PANTANEIRO

@memorialhomempantaneiro

Ladeira José Bonifácio, 172, Porto Geral, Corumbá

De quarta-feira a sexta-feira, das 15h às 18h30; e aos sábados e domingos, das 8h às 11h

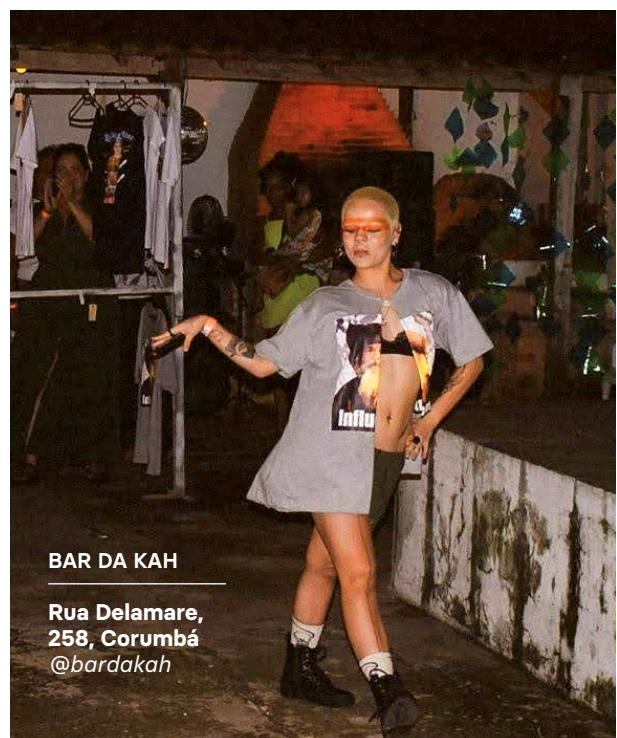
Agendamento para visitação de grupos: *memorial@institutohomempantaneiro.org.br*

[PARA CONHECER]

Orixás, Pantanal, música e arte, a cultura negra presente em MS

Karina de Andrade Santos Caetano tem 28 anos e 10 deles já são vividos em Corumbá, a cidade mais negra de Mato Grosso do Sul, com 73,26% da população autodeclarada preta ou parda. Se jogou na difícil tarefa de abrir bar, que se tornou referência de encontro da cultura afro na cidade.

O Bar da Kah está localizado no bairro anteriormente denominado Sarobá, local que serviu de moradia para ex-escravizados no início do século 20, região periférica de Corumbá. O nome mudou para Borrowski, mas a identidade negra permanece. Karina conta que o bar foi aberto em 2018 e, a partir de 2020, focou em eventos culturais, juntando DJs de todas as vertentes, a galera do samba, do rock, do hip hop, da MPB, do artesanato, além de abrir espaço para brechós e apresentações teatrais.



BAR DA KAH

Rua Delamare,

258, Corumbá

@bardakah



MUSEU DOS ORIXÁS

@williangirassol
Localizado dentro do Templo Girassol, na Sitioca Campo Belo, quadra 5, lote 26, corredor 11, Dourados
 Aberto das 8h às 11h30 e das 14h às 18h de segunda a segunda, entrada gratuita



Ainda em Corumbá, o Memorial Homem Pantaneiro reúne coleções, objetos e testemunhos que retratam a cultura material e imaterial da gente pantaneira, que teve surgimento ligado aos indígenas, negros, nordestinos e bandeirantes. É quem decifra o Pantanal e não vive sem o bioma.

O memorial é programa do IHP (Instituto Homem Pantaneiro), e recebe o público desde 2021. Quem quiser complementar o passeio pela cultura pantaneira, pode passar na Sala da Memória Mestre Sebastião Brandão, em Ladário. Mestre curureiro, de 81 anos, ainda confecciona viola-de-cocho, ministra palestras e oficinas sobre a arte. Esse espaço foi aberto em 2023 e segue aberto na própria residência do Mestre Sebastião. "Esse aqui é espaço de conhecer a história", diz.

Seguindo para o sul de MS, em Dourados, o Museu dos Orixás impressiona pela grandiosidade das cerca de 90 imagens de quase três metros de altura, construídas por voluntários em arame, ferro e concreto. São representações de Ogun, Iansã, Oxóssi, Oxum, Iemanjá, Oxaguian, Oxalá, Nanã, entre outras, localizadas dentro do Templo Girassol, inspiração religiosa erguida por praticantes da umbanda e quimbanda. O templo ainda tem giras às segundas e sextas, sempre às 19h30.

Em Campo Grande, não pode faltar o rolê pela Praça dos Pretos Velhos, criada em maio de 1995, que virou mesmo Praça do Preto Velho por conta da estátua que representa as religiões de cultos afro-brasileiros. Localizada entre as avenidas Fábio Zahran e Salgado Filho, na Vila Progresso é local de manifestações culturais e abriga feiras, como a Ziriguidum, no primeiro sábado do mês.

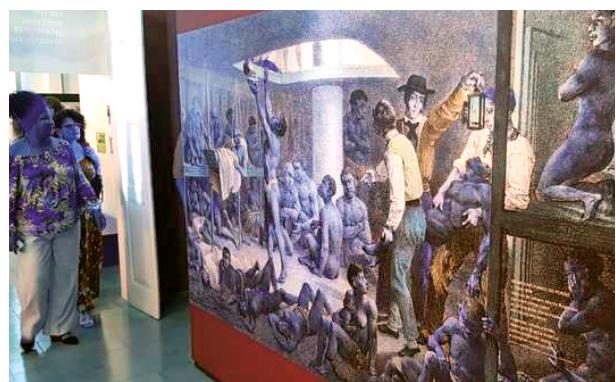
SALA DA MEMÓRIA MESTRE SEBASTIÃO BRANDÃO

@museumesebastiao
Rua Afonso Pena, 2046 – Bairro Almirante Tamandaré, em Ladário. Segunda a sexta - 8h30 às 11h e das 13h às 17h30. Sábado – 8h às 12h



MUSEU DA HISTÓRIA DO PANTANAL – MUPHAN

Ladeira José Bonifácio, 68, Corumbá
 Segunda a sexta – 8h às 13h
 (67) 3907-5690. corumba.ms.gov.br/locais/43





AYELE TISSOU MODA AFRICANA

Kossi Ezou é de Togo, na África Ocidental e trabalha em feiras de Campo Grande **@ayeletissu** 67 9171-1466

Feira Ziriguidum
1º sábado do mês
@feiraziriguidum
Feira Borogodó
1º domingo do mês
@feira.borogodo
Feira Bosque da Paz
3º domingo do mês
@feirabosquedapaz

[PARA COMPRAR]

Do coração para as mãos: a arte de quem mostra a cultura afro

As famílias de Marlúcia Pereira Alves Morelli e da irmã, Maria Pereira Alves Costa, encabeçam a marca Doce Conquista, delícias de goiaba produzidas e embaladas na pequena agroindústria localizada em Santa Terezinha, distrito de Itaporã. A fruta vem direto do quintal da chácara familiar, um pomar com 800 pés de goiaba em 2,5 hectares, com plantio iniciado em 2005.

A produção começou em 2007 e hoje o Doce Conquista tem geleia de goiaba de pimenta, gengibre ou doce de leite, goiabada cascão, molho de goiaba apimentado, molho de ketchup com sabor de goiabada.

O vínculo familiar também está no foco do Galpão das Artes Guaicurus, em Dourados. Da ancestralidade, de pai para filha, Zilá Beraldo ad-

quiriu o conhecimento da arte cerâmica. O espaço foi criado em 2013, depois que Zilá se aposentou do Judiciário e pode se dedicar integralmente à paixão pela arte e manuseio da argila.

Além dela, os filhos, Marcela e Marlon produzem e expõem no Galpão das Artes, que também abriga feira e outros eventos. Futuramente, a família irá retomar as oficinas para divulgar e propagar arte cerâmica.

Em Três Lagoas, a Casa do Artesão é espaço para artistas da costa leste de MS e tem no DNA a arte negra. Jurandir Amaral, um dos fundadores da associação que administra o local, é quilombola de Mato Grosso e se mudou para o Estado com a esposa, trazendo a produção de doces, geleias e licores. Na casa, fundada há cerca de 20 anos, também há trabalhos em artesanato, crochês de artistas negros.

Cria do Bairro Aero Rancho, Jessika Rabello, fundou há quatro anos o Ajuberô Ateliê, e trabalha sob encomenda. Começou a costurar em 2011, passou pela produção de figurinos em 2023 e, no ano seguinte, mergulhou de cabeça na moda sustentável. "Sou de origem periférica, sempre soube trabalhar com pouco recurso, com pouco tecido, transformar uma roupa em outra", conta. Também é arte educadora, pedagoga e oferece oficinas para expandir o conceito.

**MEIO-FIO BRECHÓ MODA RECICLÁVEL**

Travessa General Wolgrand, 74, Centro, Campo Grande
segunda a sexta – 10h30 às 18h / @meiofio.brecho

**ACLAMS-CASA DO ARTESÃO**

Av. Aldair Rosa de Oliveira, 470, Três Lagoas. Seg a sex – 7h às 11h/ 13h às 17h
sáb – 8h às 12h
@aclams.tl

**AJUBERÔ ATELIÊ**

Campo Grande
Contato pelo WhatsApp
(67) 98446-7081
@ajuberoatelie

**AGROINDÚSTRIA DOCE CONQUISTA**

Gleba Santa Terezinha, Itaporã
@doceconquistagoiaba
Marlucia (67) 99636-6445
Maria (67) 99616-8342

**ALINNE BRASIL**

Trancista, afroestima de dentro para fora.
Av. Graça Aranha, nº 436, Aero Rancho, Campo Grande. Ter a sáb – 9h às 19h / 67 99275-9709.
@alinnebrasiltrancista

**GALPÃO DAS ARTES GUAICURUS**

Avenida Presidente Vargas, 2780, Dourados
Seg a sex – 7h às 17h
Sab – 7h às 12h
@galpaodasartesguaicurus
(67) 99295-4035

**AFRONTA**

@afronta.prod
@fronteversa

[PARA SABER]

Resistência une gerações na luta por igualdade racial

Resistência define e une os movimentos representativos da comunidade negra em Mato Grosso do Sul. Uma história que começou em 1985, com o Grupo TEZ (Grupo de Estudos e Trabalho Zumbi), nascido de projeto de três acadêmicos de Direito: Ben-Hur Ferreira, Paulo Paraguassu e Jaceguara Dantas da Silva, incomodados com a falta do debate sobre desigualdade racial.

A educação sempre foi o eixo do Grupo TEZ que, ao longo dos anos, promoveu palestras, seminários em escolas e onde quer que pudesse ser ouvido, além das sessões de estudo realizada durante mais de 20 anos. Também ofereceu cursinhos pré-vestibulares e pré-pós para mestran-

**IMNEGRA - INSTITUTO DA MULHER NEGRA DO PANTANAL****Rua Delamare, 963, Centro, Corumbá**

Fundada em 31 de agosto de 2006, oferece suporte às mulheres negras em situação de vulnerabilidade social, realizando oficinas de confecção de roupas, decorações e artesanato. É comandada por Ednir de Paulo.

(67) 99995-6867 / [@imnegrapantanal.ms](http://imnegrapantanal.ms)
www.facebook.com/IMNEGRA



dos e doutorandos. Mais recentemente, executa o projeto Olubayo Cinema Negro, levando audiovisual para os quilombos.

O TEZ abriu as portas e o Coletivo das Mulheres Negras Raimunda Luzia de Brito chegou na militância política e para fomentar a economia criativa por meio da Feira Afro. A co-fundadora Ana Alves lembra que o grupo começou com cerca de 15 pessoas, abraçando também os paraguaios, bolivianos e povo cigano. "Porque também é sobre política de igualdade racial". Hoje, são 47 expositores, com edições ao longo do ano, na Praça dos Imigrantes, que oferecem artesanato, gastronomia, roupas, acessórios e peças de decoração.

Das novas gerações, a Afronta Produções trilha pela cultura para falar da pauta negra em MS.

GRUPO TEZ @grupotezms / facebook.com/grupotezms**SUBSECRETARIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS
PARA A PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL**

E-mail:racial@sec.ms.gov.br

**COLETIVO DE MULHERES NEGRAS / @feiraafrofms**

"No início era um evento cultural, mas a gente abriu a produtora por meio de políticas públicas", conta Lua Maria, que integra a equipe. Apresentações artísticas como slam, batalha de rima e vogue atraíram público jovem. Em 2024, o Afronta levou para o Centro de Campo Grande o show de Leci Brandão.

Na esfera pública, a Subsecretaria de Políticas Públicas para Promoção da Igualdade Racial foi criada em 2022, para coordenar a política de defesa dos direitos étnico-raciais. Oficinas sobre beleza, workshop de letramento racial e ações sociais estão na lista de ações. A pasta é comandada por Vânia Baptista Duarte, pedagoga, integrante da comunidade Tia Eva e membro do Grupo TEZ. A sementinha lançada em 1985 dá frutos.



CORDÃO VALU

@cordaovalu



LIGA DAS ESCOLAS DE SAMBA DE CAMPO GRANDE / @liencacg



LIGA INDEPENDENTE DAS ESCOLAS DE SAMBA DE CORUMBÁ / @liesco.corumba



ABC – AGLOMERADO DE BLOCOS DE RUA DE CAMPO GRANDE / @abc.rua



[TEM CARNAVAL]

Da periferia, a festa negra toma conta de Corumbá e Campo Grande

"Sem o negro, o Carnaval não teria chegado a essa especialidade", afirma Miriam Cambará, professora e filha de Luiz de Moraes Cambará, que viu o Grêmio Recreativo e Escola de Samba A Imperatriz ser fundada no quintal de casa, em 1973, em Corumbá, cidade que tem o Carnaval mais tradicional de MS. Não por acaso, a cidade pode ser considerada o berço da folia em MS.

A força do Carnaval nasceu na periferia. A Deixa Falar foi criada pelos marinheiros que residiam em Ladário, a Flamenguinho, no Bairro Popular Nova e, a Império do Morro, na Cervejaria. Quem nasceu no samba, não abandona a paixão. Mestre Antero Sena Filho, 79 anos, fundador da Vila Mamona, está na ativa, nos desfiles e na noite corumbaense.

Hoje, são 10 agremiações que desfilam no domingo e na segunda de carnaval, na Passarela do Samba. Porém, duas semanas antes, a folia já é agenda, com o festival dos sambas de enredo, concurso da Corte de Momo, de marchinhas, de fantasias e a saída dos blocos Sandálias de Frei Mariano e Cibalena. Ainda tem festa com o Casario Folia, Carnaval de Albuquerque e bloco infantil.

Em Campo Grande, foi Gregório Correa, o Goinha, quem fundou a primeira escola, a Acadêmicos do Samba, em 1962. Em 1969, Felipe Duque criou a Unidos da Vila Carvalho, em uma das casas da antiga Vila dos Ferroviários, mesmo local de onde surgiu a Escola de Samba Igrejinha. "A estrutura de todas as escolas é a celebração da cultura negra", diz o jornalista e pesquisador Oscar Rocha. Hoje são sete escolas que desfilam na segunda e terça de carnaval, na Praça do Papa. A Capital vive "boom" de blocos, movimento que voltou a reocupar o Centro, desde que as agremiações saíram da Rua 14 de Julho, no dos anos 90. O Cordão Valu, criado em 2006, pelo casal Silvana Valu e Jefferson Contar se tornou referência na folia da capital. "Nosso carnaval é de resistência, mas também de alegria e exaltação do povo negro", diz Silvana Valu.



[# PARASEGUIR]



AFROGUETO @festaafrogueto

Coletivo de mulheres pretas periféricas que organiza eventos para dar suporte e visibilidade a novos artistas pretos, valorizando a cultura black com elementos afrocentrados como moda, cultura ballroom, exposições, músicas e conhecimento através de suas plataformas.



ROMÁRIO HILÁRIO @roma.hilario

Autor, educador, coreógrafo e produtor cultural. Dirigiu, produziu e atuou na obra "Diário de um preto" que retrata experiências vivenciadas por pessoas negras no Brasil.



SAMPRI @gruposampri

Formado pelas irmãs Magally, Luciana e Renatinha, é o primeiro grupo de samba de MS com mulheres pretas em que todas tocam e cantam.



MERCADO SANKOFA

@mercadosankofa



Feira de economia criativa afrocentrada, realizada somente com empreendedores pretos, em frente ao monumento Maria Fumaça em Campo Grande.



DJ GABIS @dj.gabis

Gabriela Santos é DJ e produtora cultural da cidade de Dourados. Seu set conta com mistura de estilos, passando pelo funk, rap, brasiliades e pop.



FAROFA COM DENDÊ @blocofarofacomdende

Bloco de carnaval de Campo Grande, feito por pretos, desde a organização, praça de alimentação e atrações, tudo para aquilombar e valorizar cultura.



SILVEIRA @silveirasoul

Cantor, compositor e multiinstrumentista, mergulha na ancestralidade e no afrofuturismo em trabalho carregado de soul e black music.



**MR FERREIRA**

@batalhadosalao_
@mr.ferreira7

Membro fundador da Soul Hip Hop e da Batalha de Salão em Aquidauana. Bboy e MC desde 2012.

**CHOKITO**

@chokitocantor

Carioca da gema, sul-mato-grossense de coração, o sambista participou dos grupos Chamego e Kytafeito até chegar à carreira solo, em 2016, com álbum "Fissura de Amar".

**LADYAFROO**

@ladyafroo

Dj, produtora de eventos e co-fundadora do Afrogueto e do Farofolia, um dos maiores carnavales LGBTQIAP+ de MS.

**GLÓRIA MARIA**

@gloriamaria.ms

Formada em jornalismo, se denomina, com orgulho, "mulher preta e periférica", que encontrou na comunicação, e no bom humor, um meio de transformar realidades e fortalecer identidades. Especializada em comunicação digital, criação de conteúdo e marketing de influência.

FICHA TÉCNICA*REDAÇÃO*

Guilherme Soares Dias, Silvia Frias e Thayná Cambará

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Guilherme Soares Dias

DESIGN E ILUSTRAÇÃO

Inara Negrão, Morgana Miranda e Bruna Carvalho / casagrida.com

FOTOS

**Marcos Maluf/Campo Grande News/
Silvia Frias/Guilherme Soares Dias/Heitor
Salatiel/João Eduardo de Vargas**

REALIZAÇÃO

Fundaçao de Turismo de MS e Sebrae MS

EDITORA E CONSULTORIA

Guia Negro / guianegro.com.br

APOIO INSTITUCIONAL

Subsecretaria de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial de MS

Silvia Frias, jornalista, colaboradora da Folha de S. Paulo em MS e repórter do Campo Grande News.

Guilherme Soares Dias, jornalista, fundador do Guia Negro, consultor de diversidade e viajante.

Thayná Cambará, relações públicas, CEO da Bela Oyá Pantanal, conecta visitantes à cultura afro-brasileira no Pantanal Sul.

REALIZAÇÃO

SETESC
Secretaria de Estado de Turismo, Esporte e Cultura

*CONSULTORIA*

REALIZAÇÃO



SETESC
Secretaria de Estado
de Turismo, Esporte
e Cultura



CONSULTORIA



GUIA NEGRO



WWW.VISITMS.COM.BR

WWW.GUIANEGRO.COM.BR

2025